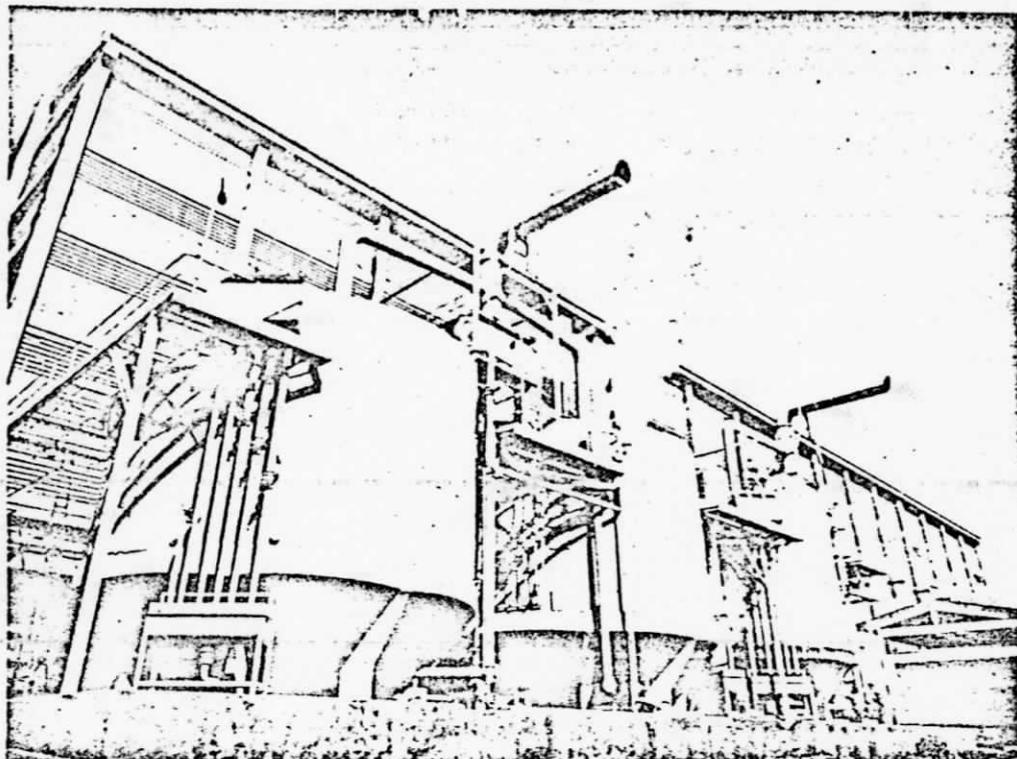


Data 02/10/77 | Jornal Revista BANAS

Assunto: Diversos

PAG. 26



Decantadores Zanini: estes produtos no exterior já estariam "incomodando" o mercado

Turbinas a vapor, uma novela com "vilão" e tudo mais

Duas empresas nacionais e uma poderosa multinacional estão disputando o mercado brasileiro de turbinas a vapor. Isso seria normal dentro do contexto da livre iniciativa, se os métodos empregados pela empresa que tem sede nos Estados Unidos não estivessem segundo afirmam os empresários brasileiros, seguindo práticas não muito éticas.

A "novela", cujos capítulos vêm sendo atentamente acompanhados pelos leitores que se interessam pelos problemas econômicos, alcançou há pouco um dos seus pontos altos, com o desmascaramento de um argumento usado pela multinacional para alijar do páreo suas duas concorrentes brasileiras — Zanini S.A. Equipamentos Pesados, de Sertãozinho, e M. Dedini S.A. Metalúrgica, de Piracicaba.

O papel de "vilão" nessa história (pelo menos de acordo com o ponto de vista brasileiro) é representado pela Elliott Overseas Company, empresa norte-americana do Grupo Carrier. Esta empresa há algum tempo havia dado entrada a uma carta-consulta no Conselho de Desenvolvimento Econômico, pleiteando a produção, no Brasil, de compressores e turbinas a vapor.

Acusação e resposta

Denegada a sua pretensão na parte referente às turbinas, a Elliott não se conformou com o indeferimento e solicitou uma revisão do processo. O recurso da empre-



LUIZ BIAGI

sa norte-americana foi baseado na acusação de que as turbinas fabricadas pelas duas indústrias nacionais não atendiam às normas estabelecidas pelo American Petroleum Institute (API), que garantem a segurança integral dos equipamentos. Para dirimir as dúvidas, o CDI convocou as duas empresas para apresentarem sua defesa.

Os argumentos e a documentação que os industriais brasileiros levaram até o CDI ao que parece não permitem qualquer contestação. Pelo menos esta é a opinião de Luiz Lacerda Biagi, Vice Presidente da Zanini.

"Quanto ao problema das normas API — disse Biagi — parece-me que não restam dúvidas de qualquer espécie, tanto por parte da Petrobrás quanto do CDI. Somos fornecedores de turbinas a vapor, tanto para o Brasil quanto para o exterior, para empresas que somente aceitam encomendas dentro dos padrões do API. Além disso, a própria Petrobrás assinou contrato recente conosco, efetuando as primeiras encomendas (de uma grande série) de turbinas a vapor. E isso nunca seria feito caso não atendêssemos às normas do API." Depois de fazer um histórico do "caso Elliott x Zanini", explicando que a empresa norte-americana desde 1973 vem demonstrando seu desejo de associar-se a Zanini, pretendendo formar uma "joint venture", e porque não foi possível levar a bom termo esse intento, Biagi fala de sua surpresa, quando, em julho último, a Elliott voltou à carga.

Nova tática

"Desta vez a Elliott mudou de tática. Se antes desejava consorciar-se com a Zanini em regime majoritário, agora concordava em participar da associação como minoritária. Isso deve ter sido motivado pelo fato da Elliott ter entendido que perderia a "parada" no CDI, uma vez que sua carta-consulta para fabricação de turbinas seria indeferida."

Acontece, porém, que nessa altura do acontecimento, a Zanini já havia estabelecido "joint-ventures" com a AEG, constituindo AKZ — Turbinas S.A., para fabricar turbinas a vapor, e com o grupo Renk formando a Renk — Zanini S.A. para a fabricação de redutores de velocidade. Além das duas "joint-ventures" mencionadas, a Zanini estabeleceu associação com as subsidiárias da Foster-Wheeler, no Brasil, nascendo daí a Zanini — Foster Wheeler S.A. — Engenharia e Desenvolvimento.

Segundo Biagi o que a Elliott vem fazendo visa, antes de tudo confundir as autoridades brasileiras e ganhar tempo. "Nada temos a opor que a empresa norte-americana, ou qualquer outra venha a se estabelecer no Brasil e fabricar aqui turbinas a vapor. Somos contra, todavia, à forma que a Elliott escolheu para se estabelecer no Brasil. Ela não quer colocar recursos próprios no País, mas sim propõe receber em cruzeiros o valor das turbinas que vender. Petrobrás, para com esses recursos implantar uma fábrica, com baixo índice de nacionalização."

Contra o paternalismo

Declarando-se totalmente a favor da política do livre mercado, dentro de limitações que garantam o desenvolvimento da indús-



Data 02/10/77

Jornal

REVISTA BANAS

Assunto: Diversos

PA6-27

tria nacional, Biagi afirma que a luta dele e de outros empresários nacionais não é contra a Elliott, mas sim contra o paternalismo que está envolvendo a empresa norte-americana em sua tentativa de estabelecer-se no Brasil.

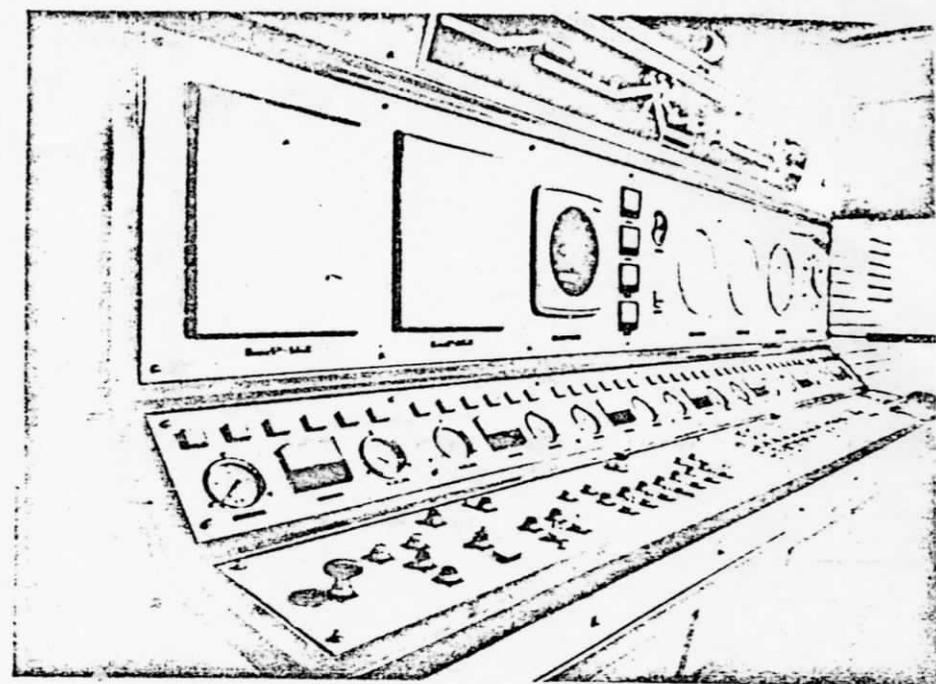
"Sou contrário — diz Biagi — a quaisquer medidas protecionistas. Aliás, a propósito, é bom que se diga uma coisa que ainda não vimos reproduzida em nenhum órgão de imprensa: as empresas multinacionais estão sendo mais protegidas pelo Governo que as nacionais. E os bens de consumo têm merecido uma ênfase bem maior que os bens de capital."

"Não achamos justo, todavia, sermos aliados de uma concorrência, com motivos falsos. Somente a Zanini e a Dedini fizeram esforços, durante mais de 10 anos para colocar turbinas a vapor no mercado. Nossas empresas são as únicas no mundo, fora as multinacionais, que produzem turbinas a vapor, de porte expressivo. A Elliott, a Terry e a Worthington estão querendo iniciar agora e a gozar de todos os incentivos."

Mercado externo

Segundo o vice-presidente da Zanini, a maior preocupação da Elliott não é o mercado brasileiro, mas sim o mercado internacional. Seria a penetração da Zanini — ainda inicial mas já bastante expressiva — que estaria "fazendo cócegas" na poderosa multinacional.

Para comprovar isso, os empresários brasileiros explicam que "nenhum grande se importa senão com outro grande" e citam "a investida acintosa e atrevida da Elliott, visando eliminar do mercado internacional

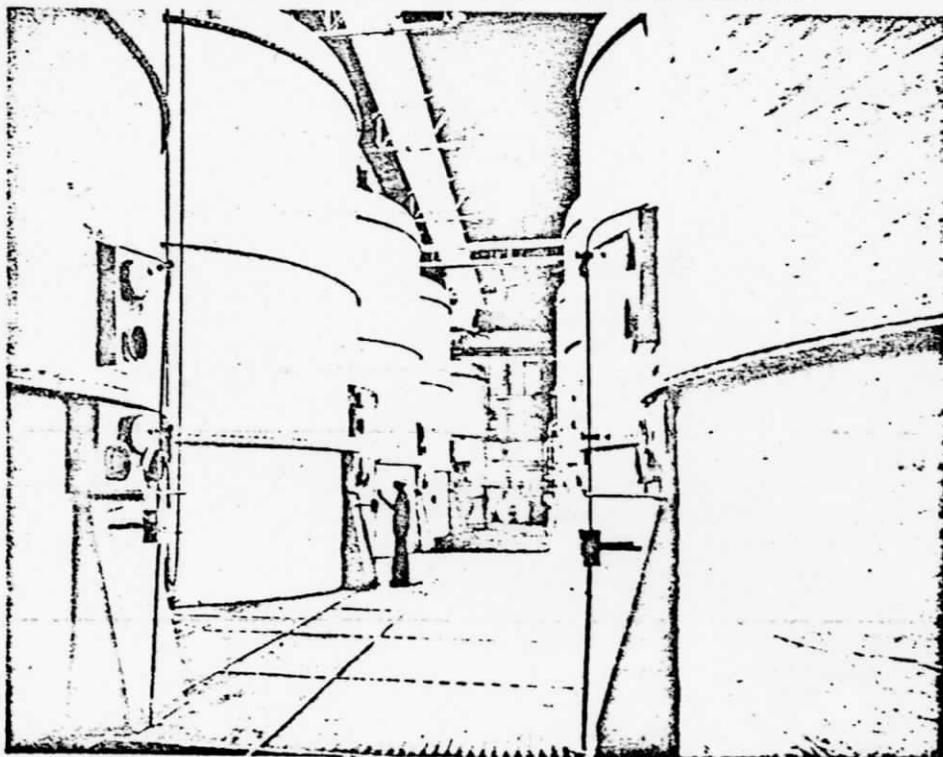


A Zanini fabrica painéis para moendas, como este da Fazer da S. Martinho, de Pradópolis

a concorrência brasileira, com um sintoma de que o Brasil está realmente crescendo." Para assegurar uma participação maior nos mercados nacional e internacional de turbinas a vapor, a Zanini que, desde 1965, já investiu cerca de Cr\$ 200 milhões em instalações, recursos humanos e ferramental, associou-se agora à AEG — Kanis Turbinenfabrik G.m.b. H., de Nuremberg, Alemanha Federal, formando a AKZ — Turbinas S.A. Durante o período de implantação de seu parque industrial, a AKZ está produzindo turbinas a vapor mediante

a utilização das instalações e pessoal da Zanini, já com bastante experiência acumulada no setor, apoiado pelo "know-how" e por especialistas da AEG — Kanis. Biagi faz questão de frisar, ao abordar as recentes associações e "joint-ventures" realizadas pela Zanini, que sua empresa continua genuinamente nacional. "A filosofia básica da Zanini — afirma ele — é dirigida no sentido de não ter jamais um sócio estrangeiro. Podemos, na medida dos nossos interesses, nos associar-mos a quaisquer firmas alienígenas."

Conjunto de evaporação, produzido pela Zanini, e que ocupa um total de 6 mil m²



Tecnologia

"Foi dentro dessa orientação — explica Biagi — é buscando no exterior uma tecnologia que nos falta, que procuramos formar, no Brasil, três empresas que contam com o capital majoritário da Zanini. Na Zanini-Foster-Wheeler, temos 60 por cento do capital e a FW Corporation (USA), 40 por cento; na AKZ Turbinas, possuímos 69,5 por cento; a AEG-Kanis 30 por cento e outros, 0,5 por cento; e na Renk-Zanini, 64,75 por cento, a Renk, 25 por cento; a CCN, 10 por cento e outros, 0,25 por cento.

Indagado a respeito dos problemas de transferência de tecnologia que essas associações feitas pela Zanini envolvem, Biagi disse que a absorção de "know-how" "depende muito da nossa capacidade de formar um "corpo receptor", pois tecnologia só se transfere de cabeça para cabeça".

Reconhecendo que ainda não temos, quanto ao material humano, um nível à altura de uma absorção satisfatória de tecnologia, a Zanini está investindo cerca de 80 milhões de cruzeiros na formação técnica e profissional de recursos humanos. "Se isso não for feito — conclui Biagi — não teremos condições de desenvolvimento." □